

## OS CARNEIRO DE MENDONÇA

Como nunca fiz pesquisas genealógicas, não sei qual é a origem da família. Uns genealogistas amadores de São Paulo e de Minas dizem que veio do Norte para as Minas no século XVIII. Segundo uma tradição mencionada por Marcos Carneiro de Mendonça, ela se teria fixado inicialmente no Arraial do Desemboque, fundado nos meados do século XVIII e, durante algum tempo, centro importante de mineração (Do Arraial da Meia Pataca à Fazenda I-tamarati, Rio, 1960, p. 12). Quando as respectivas minas decaíram, muitos moradores subiram ~~para o Arraial do Desemboque~~ e fundaram Araxá, onde os Carneiro de Mendonça tiveram propriedades e larga atuação. Como também tinham propriedades (sempre na direção Norte) em Patrocínio e Paracatu (que se tornou o seu centro principal), é provável que a tradição recolhida por Marcos seja certa, e que eles se tenham espalhado progressivamente para cima, a partir do Desemboque, numa vertical de dois graus e meio de latitude.

Desemboque e Araxá pertenciam a uma área de jurisdição meio indefinida entre as Capitânicas de Goiás e Minas, e só em 1816 foram incorporadas oficialmente a esta, como Julgados da Comarca de Paracatu (Waldemar de Almeida Barbosa, Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1971, verbetes "Araxá", p. 45-46 e "Desemboque", p. 161).

O antepassado mais remoto de que tenho notícia é João José Carneiro de Mendonça, nascido provavelmente pela altura de 1780, à vista da idade de seus filhos e porque em 1842 sua mulher era qualificada de sexagenária. Foi casado com Josefa Maria Roquete Batista Franco, ou Roquete Franco, filha do português João Batista Franco e de sua mulher, cujo sobrenome era Roquete. Em menino, ouvi dizer que D. Josefa era nascida na Vila de Santa Luzia de Goiás. Note-se que o sobrenome Roquete, escrito nos ve-

lhós documentos de Paracatu com um só t, nada tem de francês, como se supões neste século; é português de lei e se pronuncia com o e fechado (ê), não aberto (é).

A primeira referência documentada que tenho sobre João José está no Livro de Registro das Cartas de Usanças e dos Officiais da Câmara e dos Editais da mesma Comarca, etc., 6º volume de uma série manuscrita que recolhe cópias de documentos originaes da Câmara Municipal de Paracatu e se encontra no Arquivo Público Mineiro. Nele, há vários registros feitos no ano de 1812 pelo Escrivão da Câmara, João José Carneiro de Mendonça. No Livro 7º, Registro das Vereações, Acórdãos das Câmaras, Posses de Ministros e Officiais da mesma, encontramos nas folhas 172 o termo de "Posse dos Juizes e Vereadores do Triênio 1820-1822", datado de 15 de janeiro de 1820; nele aparece "o Capitam João Carneiro de Mendonça" como um dos Vereadores. Ele assina a ata de posse em 24 de janeiro como "Joao J<sup>e</sup> Carneiro de Mend<sup>ca</sup>" em letra fluente, e todas as folhas são rubricadas por ele com a abreviatura "Mend<sup>ca</sup>". Em 1821 são eleitos os 31 eleitores do município, sendo ele o mais votado, com 74 votos (Livro de Atas de Eleições, nº 9, fls. 58-59). Ainda em 1821, foi eleito Vereador o Tenente Manuel Carneiro de Mendonça (irmão, primo?), que assina muito toscamente (Livro 7º, citado).

Na Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. I, 189, encontramos várias referências a parentes dele, por sangue ou aliança (estes, pelo lado de sua mulher). Assim, em 31 de novembro de 1822, no "Auto de reconhecimento e proclamação da Independência política do Império do Brasil e Aclamação do seu Primeiro Imperador Constitucional o Senhor Dom Pedro I", assinam, entre outros: Júlio Antônio Roquete Franco, Manoel Batista Franco, Eduardo Antônio Roquete Franco (p. 281-3). No "Juramento do Ouvidor Interino desta Comarca, da Câmara desta Vila do Paracatu do Príncipe, Corpo Eclesiástico, Civil e Militar ao Projeto

da Constituição oferecido por Sua Majestade Imperial", a 23 de maio de 1823, assinam, entre outros, o Coronel de Infantaria Manoel Batista Franco, José Batista Franco, Manuel Carneiro de Mendonça, Júlio Antônio Roquete Franco, Eduardo Antônio Roquete Franco (p. 283-4).

Na mesma revista, vol. III, 1898, p. 658-9, encontramos relatórios de novembro de 1823, onde os professores falam sobre o adiantamento dos alunos, entre os quais: Francisco e Manuel Carneiro de Mendonça, irmãos (filhos do Manuel retro?); Francisco de Paula e Eduardo Roquete Carneiro Batista Franco, irmãos, - todos em nível de "primeiras letras"; em nível de latim, mais ou menos equivalente ao secundário, José e João Carneiro de Mendonça, irmãos, sendo os quatro últimos filhos de João José. Em 1825 e 1826 há vários ofícios assinados pelo Ouvidor Antônio Paulino Limpo de Abreu, seu genro, e o Escrivão Eduardo Antônio Batista Franco, provavelmente seu cunhado, que acima vimos assinando Roquete Franco (vol. I, p. 279). Em 1833, na constituição da lista de eleitores, contendo 80 nomes, João José aparece com apenas 1 voto (Livro de Atas de Eleições, nº 9, citado, fls. 58 e 59).

Em Araxá, desenvolveu muitas atividades de que tenho notícia documentada e lá tinha uma fazenda. Em 1833, um Ofício da Câmara daquela Vila se refere a ele como Coronel Comandante da Legião da Guarda Nacional (transcrito em Nelson de Senna, Anuário de Minas Gerais, vol. III, 1909, p. 195). Anos depois, foi protagonista de uma agitação típica do coronelismo, como se vê pelo seguinte:

"Em 1840, tendo-se ausentado o Juiz, assumira o cargo o juiz municipal, Antônio da Costa Pinto. Deveria, então, presidir as sessões do juri, que estavam marcadas. E, nesse juri, deveria ser julgado um réu protegido pelo Tenente-Coronel João José Carneiro de Mendonça. Este, com seus filhos e genros e apoio

do Coronel Chefe da Legião local, Antônio Ribeiro da Silva, do Juiz de Paz em exercício, Manuel Gonçalves Pinheiro, do vigário da Paróquia, Padre Francisco José da Silva, e da própria D. Beija, reuniram (sic) cerca de 40 jagunços, dispostos, segundo se dizia, a impedir a realização do juri. Nada mais que uma arruaça, ~~fruto~~ <sup>fruto</sup> da época. Mas, os boatos mais alarmantes se espalharam com rapidez. Assim, todos os camaristas e o Juiz interino fugiram para o Desemboque. Ali, em sessão permanente, dirigiram apelos ao Presidente da Província, nos quais se falava mesmo em sedição. Entre os que apoiaram esta arruaça, figurou o nome de Ana Jacinta de São José, segundo consta das atas da Câmara" (Waldemar de Almeida Barbosa, Dicionário, cit., p. 46). Dona Beija, ou Beja, era o apelido da famosa Ana Jacinta, amante de um dos filhos de João José, como se verá.

Em 1842, este entrou com a família na Revolução Liberal, atuando na região, onde a sua fazenda foi reduto de sublevados (História da Revolução de Minas Gerais em 1842, etc., Rio, 1843, p. 192). O Cônego Marinho fala principalmente dos sofrimentos, altivez e estoicismo de sua mulher, que acabou presa, submetida a vexames e a processo; e menciona que o marido e os filhos estavam foragidos (José Antônio Marinho, História do movimento político que no ano de 1842 teve lugar na Província de Minas Gerais, 2a. edição, 1939, p. 251, com excelente retrato de D. Josefa, gravado em Londres). Dela disse o Promotor, na Denúncia: "Esta senhora, de gênio varonil e belicoso, desempenhou admiravelmente as funções de um dos chefes da sedição, cabendo-lhe muitas ~~das~~ responsabilidades no presente processo" (S. Afonseca e Silva e A. Mata Machado Filho, História do Araxá, B. Horizonte, 1946, p.22).

Provavelmente por desgosto com tudo isso, João José mudou depois de 1842 para a Província do Rio de Janeiro, onde já morava a filha mais velha Ana Luisa, acompanhado, salvo erro, pelos filhos Eduardo, Joaquim, Caetana e Melchior. Mas não se per-

deram os vínculos de interesse e prestígio com a zona de origem, onde ficaram, creio, José, João (falecidos pouco depois), Francisco de Paula, Mariana e Júlia. Tanto assim que, depois de sua morte, na entrada de 24 de setembro do Diário de 1862, o Imperador opõe reservas à nomeação de um Botelho para Comandante Superior da Guarda Nacional de Bagagem, achando que tinha praticado antes atos reprováveis, "e que o Abaeté se empenha por causa dos cunhados" (Anuário do Museu Imperial, vol. XVII, Petrópolis, 1956, p. 219).

Marcos Carneiro de Mendonça possui o daguerreótipo de um belo grupo de família, tirado provavelmente no Rio depois de 1842 (a daguerreotipia apareceu na França em 1840), onde se vêem João José, sua mulher, uma filha e genro, dois filhos.

João José deve ter morrido no fim de 1852 ou começo de 1853, pois o seu Inventário é de abril deste ano; está enterrado no Mosteiro de São Bento, no Rio. Era Coronel da Guarda Nacional e Comendador da Ordem da Rosa.

Ouvi dizer muitas vezes que tinha um irmão, Bento José Carneiro de Mendonça, que seria avô do Senador Teodoro Dias de Carvalho Júnior, político em São Paulo, cujo pai aparece no Inventário como devedor do espólio. Seria, portanto, bisavô do fundador da Escola Paulista de Medicina, Octavio de Carvalho, e de seu primo, o jornalista e historiador Antônio Gontijo de Carvalho. Mas devo dizer que nunca achei qualquer menção documentada a esse irmão. Não sei igualmente a que colaterais de João José se prendiam parentes conhecidos, como Adolfo Carneiro de Mendonça, ou antes, seu pai; e o malogrado Balbino Carneiro de Mendonça, que mudou para a Província do Paraná, onde casou com uma <sup>em 1893</sup> senhora da Família Correia e foi massacrado por tropas federais na Serra de Paranaguá, com vários outros, inclusive o Barão de Serro Azul, seu sobrinho afim.

O Inventário de João José foi processado em abril de 1853 na Vila de Paraíba do Sul, onde o localizou faz alguns anos a nossa prima Vera de Assis Ribeiro. O monte era consideravel para a época: 201:427\$204 (duzentos e um contos quatrocentos e vinte e sete mil duzentos e quatro réis). Entre outras coisas, João José deixou as seguintes fazendas: na Província do Rio de Janeiro, Posse (incluindo Rio Bonito) e Itamarati, esta, com uma fábrica de sabão; na Província de Minas, município de Patrocínio, Pilar, Santo Antônio e Larga; no município de Paracatu, Retiro e Pontal, alem de uma chácara em Araxá. Já não possuia, portanto, a fazenda neste lugar. Deixou tambem duas casas em Petrópolis, 64 escravos, muito gado, prata, mobiliário em diversas casas (Petrópolis, Itamarati, Posse) etc.

A propriedade mais valiosa era a Fazenda da Posse, entre Petrópolis e Paraíba do Sul, numa região que, pelo menos até uns vinte anos atrás, era conhecida como Posse dos Carneiros, segundo me informou o historiador Octavio Tarquinio de Sousa. O seu valor no Inventário (excluidas as terras anexas do Rio Bonito) equivalia a cerca de 20% do total, ou seja, 41:000\$000, sendo que os quinhões maiores, equivalentes à metade, couberam aos irmãos Eduardo (12:680\$000, incluindo a sede) e Joaquim (7:320\$000, incluindo benfeitorias). Francisco de Paula, Mariana, Caetana e Melchior receberam quinhões equivalentes a 5:000\$000; Ana Luisa, a 1:000\$000; Júlia recebeu o Rio Bonito por 2:000\$000. As fazendas do Oeste de Minas foram atribuidas quase totalmente aos que permaneceram por lá. Das casas de Petrópolis, a principal coube a Ana Luisa (10:000\$000) e a outra à viuva (7:000\$000); a chácara do Araxá, a Joaquim. Tudo somado, a viuva recebeu a terça da sua meiação (de que fizera desistência), igual a 33:511\$304; e cada um dos oito filhos sobreviventes recebeu 20:982\$000.

A Fazenda Itamarati coube à viuva e deve ter sido vendida

a terceiros depois da sua morte, pois mais tarde foi arrematada de volta por Eduardo e Joaquim, que a venderam afinal à Casa Imperial, sendo hoje parte da cidade de Petrópolis (Marcos, ob. cit., p. 8, onde vem o interessante pregão).

A título de curiosidade, e para registrar a flutuação dos nomes, que era regra naquele tempo, note-se que a viuva é mencionada de três maneiras: Josefa Roquete Carneiro de Mendonça, Josefa Roquete Carneiro de Mendonça Franco e Josefa Roquete de Mendonça Franco; de próprio punho, assina da segunda maneira e também Josefa Carneiro Roquete de Mendonça Franco, - o que resulta em quatro nomes diferentes no mesmo documento, ou conjunto de documentos.

MARIA

FILHOS DE JOÃO JOSÉ CARNEIRO DE MENDONÇA E JOSEFA ROQUETE BAPTISTA FRANCO.

Na Abertura do Inventário são enumerados os seguintes filhos, na ordem de idade: Ana Luisa Limpo de Abreu, Francisco de Paula Carneiro de Mendonça Franco, Mariana Carneiro de Castelo Branco, Eduardo Carneiro de Mendonça Franco, Joaquim Carneiro de Mendonça, Caetana Carneiro Pestana, Julia Carolina da Costa Carneiro, Melchior Carneiro de Mendonça Franco, - sobrenomes que aparecem diferentes noutras partes dos Autos. (Note-se que quando os filhos e filhas de João José abreviam ou combinam os seus nomes, nunca desaparece Carneiro, dando a impressão de que talvez fosse o sobrenome básico da família, ao qual se acrescentou depois Mendonça por via feminina. Hoje, com a mudança dos hábitos onomásticos e a regra de por sempre no fim o nome do pai, ao contrário de antes, a tendência é contrária: quando tem de sair um, sai Carneiro e fica Mendonça).

Mas tinha havido outros filhos, a que já fiz menção de pas-

sagem e que morreram antes dos pais. Na preciosa Árvore Genealógica feita por Maurício Limpo de Abreu com grande cuidado e competência, e, ao que sei, extravariada há muitos anos, vinham enumerados todos os do Inventário e mais dois ou três, que eram galhos secos, contrastando com os demais, carregados de descendência. Graças à contraprova de documentos, penso apontar com alguma segurança, mas sem cantar certeza, dois: José e João, situados entre os mais velhos. Como (segundo veremos) João nasceu em 1809 e José (como vimos) estava em 1823 mais adiantado na escola do que ele, coisa de ano e pouco, tudo indica que este era mais velho, e que a diferença de idade andaria por uns dois anos. Neste caso, a mais velha de todos poderia ser Ana Luisa; mas a imagem que me ficou visualmente da Árvore parece mostrar que antes dela haveria pelo menos um galho seco, que então seria José. (Aliás, a memória visual parece me indicar que, na Árvore, Mariana vinha antes de Francisco de Paula, e não o contrário, como no Inventário; mas neste caso, o documento faz fé e resolve). Para simplificar, suponhamos que assim seja e admitamos a ordem seguinte, praticamente certa a partir de Francisco de Paula (sempre com a ressalva que só a Árvore, se for encontrada, poderá decidir):

1. José Carneiro de Mendonça Franco, que pode dar lugar a confusões, porque havia um parente homônimo, ou quase. Em 1823 estava na Aula de Latim de Paracatu, conforme o citado Relatório: "José Carneiro de Mendonça, branco, estuda há um ano e meio, teve grande falha de seis meses sucessivos, em que acompanhou a seu Pai para o Araxá, está em sintaxe" (Revista do Arquivo, vol. cit., p. 659). Em 1842, José Carneiro de Mendonça Franco, na qualidade de Vice-Presidente em exercício, substituiu Joaquim Pimentel Brandão na presidência da Câmara de Paracatu, cujos trabalhos dirigiu desde então, inclusive na sessão de 2 de agosto, que reconheceu



o governo rebelde de José Feliciano Pinto Coelho da Cunha (His-tória da Revolução de Minas, etc., cit., p. 224). Depois, na fase de repressão aos participantes do movimento, procurou se eximir de culpa e escreveu uma representação para salvar a pele, defendendo a si e ao Dr. Francisco Garcia Adjuto, Juiz de Direito indicado pelos revolucionários (idem, p. 261).

Havia um outro José Carneiro de Mendonça (mas não Franco, nome que indica filho de D. Josefa), que em 1864 obteve concessão para explorar minas de ouro em Goiás, como se vê por um escrito de 1876:

"Goza o Duro de excelente clima e de fartura de cereais; suas minas de ouro estão exaustas, de sorte que quase ninguém mais se ocupa com a indústria extrativa. O decreto de 7 de janeiro de 1864 concedeu a José Carneiro de Mendonça e outros o privilégio para minerarem em uma área de 20 léguas em redor do Duro; mas, por morte dos concessionários, não foi por diante a empresa" (Dr. Virgílio M. de Melo Franco, Viagens pelo interior de Minas e Goiás, Rio, Imprensa Nacional, 1888, p. 143. O trecho foi publicado antes num folheto de 1876).

As datas mostram que não poderia ser o filho de João José, que não aparece no Inventário e, portanto, morreu antes de 1853 sem descendentes legítimos.

2. Ana Luisa, "Mana Aninha" para os irmãos, "Tia Aninha" para os sobrinhos, casada entre 1823 e 1826 com o Ouvidor de Paracatu, Antônio Paulino Limpo de Abreu ("Tio Limpo" ou "Tio Visconde"), mais tarde o ilustre estadista Visconde de Abaeté (Bruno de Almeida Magalhães, O Visconde de Abaeté, São Paulo, Editora Nacional, 1939, p. 4, menciona as datas extremas da estadia do Ouvidor em Paracatu). São os antepassados dos Limpo de Abreu do Rio e de São Paulo, dos Castro Rebelo, Melo Barreto, Alencastro Pitanga, etc. Pais pelo menos dos seguintes: (1)

Henrique, professor, jornalista, republicano histórico de larga atividade, casado com Cristina Carneiro de Mendonça, ("Didi"), filha de seu tio Joaquim, tendo o casal um único filho, Maurício, o autor da *Árvore*; (2) Antônio Paulino e (3) Alonso. Este casou sucessivamente com duas primas, Genoveva e Ana Josefina, ambas filhas de seu tio Eduardo.

No Museu Histórico do Rio há bons retratos dos Viscondes, da autoria de Papf, doados por Didi.

3. João Carneiro de Mendonça Franco, nascido em 1809 em Paracatu, estava em 1823 na referida Aula de Latim e, segundo o Relatório, "principiante de poucos meses". Formou-se em Direito em São Paulo em 1834 (não em Coimbra, como diz Leonardos em livro citado abaixo), foi Promotor e Juiz Municipal em Minas, Juiz de Direito da Comarca de Cavalcanti, Goiás, e "faleceu na flor da idade" (Almeida Nogueira, A Academia de São Paulo, São Paulo, vol. VI, 1909, p. 67-68, onde vem a data do nascimento mas onde se diz erradamente que seu pai se chamava Joaquim). Era Cavaleiro da Ordem de Cristo (*idem*) e se envolveu a fundo na Revolução Liberal de 1842, da qual foi um dos cabeças em Araxá, sendo processado junto com sua mãe e o chefe liberal da Vila, Coronel Fortunato José da Silva Botelho (Hist. do Araxá, loc cit.). O traço mais pitoresco de sua vida foi a rumorosa ligação com Ana Jacinta de São José, Dona Beija, a famosa "dama ai-rada" que acabou personagem influente e matronal da Vila, e de quem foi o último amor, tendo tido com ela uma filha, ao que se supõe: Joana de Deus São José, que casou com Clementino Martins Borges (Thomas Leonardos, A feiticeira do Araxá, Rio, s. d., p. 144, 156-9). Os livros relativos a D. Beija, quase todos romanceados, indicam que o caso se desenrolou quando João era Promotor do Araxá e registram que era homem de grande beleza. Graças a tudo isso, tornou-se até personagem de romance, como os de

Agripa Vasconcelos, que aliás não conheço, tendo informações por quem os leu.

Morreu solteiro, sem descendentes legítimos, antes do pai, e por isso não aparece no Inventário.

4. Francisco de Paula Carneiro de Mendonça Franco, "Mano Paula" para os irmãos, "Tio Paula" para os sobrinhos, estava em 1823 na Aula de Primeiras Letras da Vila de Paracatu, conforme o Relatório já citado: "Francisco de Paula Carneiro Batista Franco, branco, já está lendo escrito e principiando a escrever com um ano de escola". Casou com Mariana de Abreu Castelo Branco, cuja família foi das primeiras possuidoras de sesmarias em Paracatu e à qual pertencia, por sangue ou aliança, não sei, a famosa Dona Joaquina do Pompeu. Antepassado de Adolfo Carneiro de Mendonça (era pai de sua mãe Vitória, casada com um primo), dos San Thiago Dantas, dos Garcia Adjuto, dos Carneiro de Mendonça de São Paulo. Estes descendem de seu filho mais velho João Carneiro de Mendonça, apelidado em família "João Gordo", casado com Mariana de Abreu Castelo Branco, filha de sua tia Mariana, abaixo referida; mudou para São Paulo, creio que a princípio Ribeirão Preto, onde teve uma casa bancária; mas não foi feliz nos negócios. Lembro dos seguintes filhos de João e Mariana, netos de Francisco de Paula: Mariana, solteira; X... casada com Aristides Pires de Oliveira, muito tempo secretário da Junta Comercial de São Paulo; Melchior, formado em Direito, que teve um Cartório no Palácio de Justiça de São Paulo; Francisco, dentista; João.

5. Mariana, casada com Antônio de Abreu Castelo Branco, irmão da mulher de Francisco de Paula. Tiveram diversos filhos, mas só lembro da mais velha, já referida, casada com seu primo João.

6. Eduardo Carneiro de Mendonça Franco; em menino, na Aula

de Primeiras Letras de Paracatu, segundo o Relatório tantas vezes citado de 1823, era Eduardo Roquete Carneiro Batista Franco: "Já está lendo carta de Nomes e principiando a escrever". Casou, calculo que pela altura de 1840, com Gabriela Diniz Junqueira e era o irmão predileto de meu bisavô Joaquim, com quem acho que formava na família um par especialmente unido, inclusive por sociedade em negócios. Tanto assim, que pelo menos nós, descendentes de minha avó Laura, aprendemos a nos referir a ele, não como tio, mas como "Vôvô Eduardo".

Só ele transmitiu o nome materno Roquete à descendência, através de seu único filho varão, o Dr. João Roquete Carneiro de Mendonça ("Tio Roquete"), formado em São Paulo, proprietário da Fazenda Bela Fama, na Zona da Mata de Minas, depois Tabelião no Rio (Edgard Roquete Pinto, seu neto, dá uma descrição da fazenda e dele, sem mencionar o nome, no livro Samambaia, Rio, Ariel, 1934, p. 170: "Meu avô tinha o porte de um velho fidalgo. Era muito alto, robusto, de olhos verdes excepcionalmente dominadores. A sua voz não era nada áspera. Mas era redonda, cheia, muito grave e forte").

Alem deste filho, Eduardo teve as seguintes filhas: Genoveva, casada com Alonso Limpo de Abreu; Josefina Emília, casada com Charles Hopley Taylor; Joana Ernestina, casada com João Carneiro Pestana de Aguiar e Ana Josefina, casada, primeiro com o viuvo de sua irmã, Alonso; depois, com Antônio Carneiro de Paula Brandão. A descendência de Eduardo, até 1960, está registrada, com falhas e erros, no livro de Frederico de Barros Brotero, Memórias e tradições da Família Junqueira, 2a. ed., São Paulo, 1960, p. 374-379.

7. Joaquim Carneiro de Mendonça Franco, chefe do nosso ramo, "Vôvô Carneiro" para netos e bisnetos, "Mano Jaquim" para os irmãos (como se vê pela frase ■ de sua irmã ■ Júlia, conservada na

tradição familiar: "Para Comandante Superior da Guarda Nacional de Mar de Espanha, - Joaquim ou eu!)", "Ti Joaquim" para os sobrinhos de Minas, (como ouvi há quase 40 anos da velha Prima Marianinha, filha de João Carneiro de Mendonça, neta de Francisco de Paula). Nasceu em Paracatu aos 26 de fevereiro de 1817 (o historiador Olímpio Gonzaga, citado abaixo, dá 1816) e morreu aos 15 de março de 1895 na sua casa da Rua Alice, esquina de Laranjeiras (datas tiradas de apontamentos de minha tia Maria Clara Tolentino Pereira, que viveu com ele até os 9 anos). Pela altura de 1850, tendo cerca de 33 anos e uma filha natural chamada Júlia ("Tia Júlia Moça"), criada por amigos a seu pedido, casou com "Vóvó Maria", Maria Augusta Rodrigues Loures, filha do português Augusto Rodrigues Loures, pequeno fazendeiro em Santa Rita do Ibitipoca, ao Sul de Barbacena, onde ela nasceu aos 12 de janeiro de 1830, morrendo no Rio aos 21 de maio de 1911 (datas da mesma fonte). Era grande leitora e deixou muitos livros, alguns dos quais li em menino; geralmente, romances franceses traduzidos para português, todos encapados de couro. Possui um em vários volumes, "A Dama de Monsoreau", de Alexandre Dumas, com a assinatura dela: Maria Augusta Carneiro de Mendonça.

Joaquim Carneiro (como era conhecido correntemente) foi um dos comandantes da "forte coluna" rebelde que atacou a Vila do Araxá em 20 de julho de 1842 (Marinho, ob. cit., p. 119) e foi repelida, retirando-se em parte para a fazenda de seu pai (História, etc., cit.p. 192); depois, andou foragido pelo sertão. Em 1853 herdou parte da Fazenda da Posse, da qual, como vimos, ele e o irmão Eduardo ficaram com as benfeitorias e a sede; mais tarde, arrendaram-na a terceiros, estipulando a proibição de trabalho escravo, conforme documento citado por Marcos Carneiro de Mendonça (ob. cit., p. 15). De sua propriedade única era a Fazenda Saudade, em Mar de Espanha, Mata de Minas, onde parece que havia verdadeira concentração de fazendas da fa-

mília: Boa Esperança, Bela Fama, Chiador, Penha Longa, creio que todas, mais tarde, estações da E.F. Leopoldina. Pela altura de 1880, segundo ouvi de minha tia Maria Clara, empreitou a construção de um trecho da E.F. D. Pedro II (depois, Central do Brasil), na região de Barbacena, dando interesse a seus genros Maximiano Pinto Ferraz de Vasconcelos, engenheiro prático, e José de Carvalho Tolentino, médico. Nas palavras de um historiador municipal, "era um dos membros proeminentes do antigo partido liberal mineiro, tendo tomado parte na rebelião de 1842, da qual foi um dos principais chefes" (Olimpio Gonzaga, Memória histórica de Paracatu, Uberaba, 1910, p. 50).

A sua filha mais velha, como vimos, nascida antes do casamento, de mãe ignorada, foi Júlia, que ele amparou e educou, casando-a com Maximiano Pinto Ferraz de Vasconcelos, português. Do casamento, teve os seguintes, em ordem de idade, conforme datas que me foram dadas pessoalmente por meu tio-avô Alberto Carneiro de Mendonça, seu quarto filho: Artur, nascido em 1852, casado com Amélia de Barros Cavalcanti de Albuquerque ("Abadessa"); Cristina ("Didi"), nascida em 1854, casada com Henrique Limpo de Abreu, seu primo irmão; Laura, nascida em 1856, casada (1) com José de Carvalho Tolentino e (2) com Tadeu Rangel Pestana; Alberto, nascido em 1858, casado na Bélgica com Léocadie Procureur; Joaquim, nascido em 1859, casado com Ernestina Carneiro de Mendonça Taylor, sua prima em 2º grau; Carlos, casado com Francisca de Araujo, foi nascido em 1862; Sarah ("Sassá"), nascida em 1874, casou com Pedro de Almeida Magalhães.

8. Caetana, casada com o português José Antônio Pestana de Aguiar, ("Tio Pestana"), que esteve muito envolvido na Revolução de 1842. Sendo portador de uma carta do Coronel Fortunato Botelho para os correligionários do Desemboque, foi preso neste lugar e transportado para a cadeia do Araxá; por isso, o levante nesta Vila foi antecipado de 30 para 18 de junho (Hist. do Araxá, loc

cit.). Depois do fracasso da revolução, foi preso, quase fuzilado e processado (Marinho, loc. cit.).

Deste casal eram filhos, pelo menos: (1) João Carneiro Pestana de Aguiar ("Tio João Pestana"), formado em São Paulo na turma de 1864, rapaz elegante, "inteligente e bom estudante, muito afetuoso para com todos os colegas" (Almeida Nogueira, ob. cit., vol. VI, p. 247-8); foi advogado distinto no Rio (idem) e casou com Joana Ernestina Carneiro de Mendonça ("Tia Joana"), filha de seu tio Eduardo; (2) Ana ("Tia Anica"), casada com o irmão de Joana, João Roquete, já mencionado. As descendências destes dois casais de primos irmãos se encontram no livro de Brotero, citado.

9. Júlia Carolina, "Tia Júlia Velha", casada com Pedro Maria da Costa. Uma de suas filhas casou com um Rezende Costa, se não me engano (se é que Rezende Costa não era o próprio marido, Pedro); uma filha desta, com o engenheiro italiano Carlo Fieschi Lavagnini; e uma filha deste casal, se não erro, com outro italiano, Carlo Tolomei. Filha de Júlia (ou neta?) era uma parenta muito querida pela bondade, "Tia Zifinha" (provavelmente Josefina), que tinha um filho único muito doente, Álvaro, falecido solteiro. Muitos Rezende Costa de Minas descendem deste ramo.

10. Melchior Carneiro de Mendonça Franco, casado com Laureana Pinto Peixoto, cujo pai, o Marechal <sup>(José Maria)</sup> Pinto Peixoto, destacou-se nas lutas da Independência e do período regencial. Melchior teve apenas dois filhos (um dos quais morreu solteiro) e uma filha, de cujo nome não lembro, casada com Antíoco dos Santos Faure, mencionado nas Reminiscências da Guerra do Paraguai, do General Dionísio Cerqueira, de quem foi colega na Escola Central e grande amigo. O filho sobrevivente foi o General Joaquim Melchior Carneiro de Mendonça, casado com Alaide ,...

com duas filhas, uma das quais Henriqueta ("Queta") e três filhos: Luis, Antíoco ("Tico") e Humberto.

Melchior foi Deputado Geral por Minas de 1861 a 1864, mas como tinha sido nomeado Consul Geral no Uruguai em 23 de maio de 1860, segundo ficha do Itamarati, que consultei, deve ter alternado o mandato e o cargo, pois no Diário de 1862 D. Pedro II se refere a ele como sendo ao mesmo tempo as duas coisas. Com efeito, na entrada de 23 de agosto menciona "a reclamação do Melchior nosso consul no Estado Oriental de mais 1% por venda que fez de carvão da Armada Nacional"; e na entrada de 2 de setembro alude a "um recomendado de Melchior deputado" para Comandante Superior em Minas (Anuário do Museu Imperial, cit., p. 198 e 206). Durante o período difícil da Guerra do Paraguai, no entanto, esteve no exercício do Consulado e a sua correspondência a respeito está conservada no Arquivo do Itamarati. Em 25 de outubro de 1870 foi removido para Liverpool e morreu em Paris a 19 de abril de 1875, relativamente moço, pois não nasceu antes de 1820.

Publicou trabalhos, referidos em Sacramento Blake, Dicionário Bibliográfico Brasileiro, VI, p. 266. Há biografia dele em Argeu Guimarães, Dicionário Diplomático, p. 185.

*em 1976*

N.B. Estas anotações foram feitas/por Antonio Candido de Mello e Souza, bisneto de Joaquim Carneiro de Mendonça por linha materna, para sua prima Priscilla Maranhão, trisneta do mesmo. Seria interessante que os parentes interessados que as lessem pudessem: (1) corrigir erros, muito frequentes neste gênero de escritos; (2) acrescentar informações fidedignas, sobretudo sobre o ramo  <sup>o</sup> respectivo. Assim, seria eventualmente possível: (1) averiguar as origens da família e fatos relativos a



ramos colaterais a João José; (2) reconstituir em detalhe a descendência deste, que hoje é enorme, como Priscilla fez para a de Joaquim.

Quaisquer contribuições neste sentido podem ser encaminhadas para:

Priscilla Maranhão

Rua Aiuru, 47, Aptº 104

ZC-02 Humaitá

20.000 - Rio de Janeiro - RJ

(Telefone: 226-0681)